

A PALAVRA DE ERICO VERISSIMO E A TRAJETÓRIA DO MITO DO GAÚCHO HERÓICO NA LITERATURA RIO-GRANDENSE

ALDA MARIA DO COUTO GHISOLFI*

"Uma geração vai, e outra geração vem; porém a terra para sempre permanece. E nasce o sol e volta ao seu lugar donde nasceu. O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando o vento, e volta fazendo seus circuitos".

Eclesiastes

-I, 4, 5, 6

"- Se nós os gaúchos jogamos fora os nossos mitos, que é que sobra?

Floriano olha para o estancieiro e diz tranquilamente:

- Sobra o Rio Grande, doutor. O Rio Grande sem máscara. O Rio Grande sem belas mentiras. O Rio Grande autêntico. Acho que à nossa coragem física de guerreiros devemos acrescentar a coragem moral de enfrentar a realidade".

Erico Verissimo

O Arquipélago

Muitos estudos e análises da obra de Erico Verissimo, especialmente da trilogia que compõe *O Tempo e o Vento*, têm abordado a questão do mito do gaúcho como herói, representação e sím-

*FUNBA — Fundação Universitária de Bagé - RS.

bolo do homem e da sociedade do Rio Grande do Sul. O assunto, no entanto, pela própria complexidade e pela importância do Autor, ainda oferece aspectos dignos de reflexão, principalmente no que diz respeito à posição de Verissimo e sua obra maior na evolução da literatura rio-grandense, levando-se em conta a manutenção do mito e as diversas tentativas que levaram à desmitificação.

A imagem do gaúcho heróico ainda é explorada, em nível popular, pelo tradicionalismo, através de toda uma linha de publicações, rádio e telecomunicações aos quais são paralelos movimentos nativistas de modernização das propostas musicais, teatrais e até literárias, mais na poesia do que na ficção; ao nível da produção literária reconhecida pela crítica e pelos meios acadêmicos, vários escritores discutem ou recriam aspectos relevantes da mítica regional, em textos de poesia e narrativa que não podem ser taxados de anacrônicos ou insignificantes.

Autores como Carlos Nejar, Moacyr Scliar, Luiz Antonio de Assis Brasil, Sergio Faraco, Roberto Bittencourt de Martins, Carlos Moraes, entre outros, elaboram literariamente, hoje, a figura do "monarca das coxilhas", o passado heróico, o espaço mítico, refletindo a realidade do contexto sócio-cultural em que todos, leitores, escritores e estudiosos estamos inseridos.

É a atualidade da questão do mito e as características que assume na palavra perenizada por Erico Verissimo, ao longo das páginas e das entrelinhas de *O Tempo e o Vento*, o que se pretende questionar nesta rápida leitura, visando à compreensão de uma trajetória que, queiram ou não os catedráticos mais radicais, ainda não se extinguiu.

Será o mito, em seu sentido mais completo, uma instituição ou um fato restrito à oralidade, "in illo tempore", desvirtuado ou descaracterizado pelo mundo moderno? Será a palavra escrita uma garantia dessa modernidade que livra os homens da compreensão ingênua — ou ausência de compreensão? — por si só desfazendo as condições do que se possa ter como legítimo sentido de um mito?

Em que termos e proporções se pode estabelecer uma relação

entre a idéia do mito e o texto literário? Mais especificamente — um texto regional, onde é a partir da caracterização local e por atingir ao sentido da transcendência que o escritor pode apresentar validade e qualidade em sua visão do mundo — que tipo de relação pode haver entre um texto regional e o mito?

Ainda mais: é possível falar de uma relação que perpassasse o mito, a literatura e a ideologia vigente?

A condição social se estabelece desde a constituição da obra literária como um processo comunicacional, até a sua produção e repercussão.

A literatura, de forma especial, pelo condicionamento lingüístico, deixa vislumbrar, em seu desenvolvimento, as relações mais vitais possíveis, como as que se estabelecem entre o meio, o grupo e a arte por ele cultivada. O autêntico desenvolvimento literário, no qual se insere o estágio de maturação da comunidade produtora e consumidora, prolonga-se em movimentos de anexação ou enfraquecimento de vínculos de ordem essencialmente social.

Corresponde tanto às necessidades cegas da agremiação, no estágio de estabelecimento e consolidação de uma sociedade, quanto à consciência crítica decorrente do alcance da autonomia cultural. Nessa relação de correspondência a produção literária pode assumir duas linhas principais de conduta: ou é implantada a partir da realidade mais visível, ou sob um jogo de interesses precedentes e preponderantes, onde a coação determina os procedimentos.

No Brasil, a transplantação cultural decorrente da colonização instala uma alteração sobre o desenvolvimento geral do país.

A preocupação nativista de imposição do que é genuíno e nacional, possivelmente, exacerba as características sociais da criação literária e atua sobre o processo de superação de uma primeira fase de formação e consolidação cultural, prolongando este processo, tornando-o mais controvertido. A segunda fase, de alto amadurecimento e autonomia, só será alcançada com mais e maiores dificuldades, avanços e retrocessos intermináveis.

Dai a ascendência de obras vinculadas às ideologias dominantes, num momento bem mais complexo da relação estético-social, agravado, no caso da produção literária, pelo embricamento entre a gênese do texto, a linguagem que vai desenvolver e o poder sócio-político.

O regionalismo, como fruto de pesquisa e utilização dos traços físicos, geográficos e humanos, bem como da linguagem localizada em relação a grupos especificados, tem uma maneira especial de corresponder ao sentido social. Configurada como produto de uma atividade, a literatura regionalista sintetiza, enquanto práxis intencionalmente determinada, uma área de influência da ideologia, desde a sua função geral e mediadora, até o exercício da função de deformação e a seguinte superação do núcleo ideológico inicial pela conscientização crítica.¹

Considerando-se a função geral da ideologia, ligada ao ato de fundação de cada comunidade, encontra-se, no tipo regional que a literatura visa a estabelecer, a concretização da necessidade de representação: o herói regional corresponde a determinadas características e hábitos perfeitamente esquematizados, movimenta-se dentro de uma paisagem invariável, de elementos minuciosamente distribuídos, definidos por uma linguagem típica.

Estruturado por esses elementos, o herói regional passa a vivenciar situações também previamente determinadas, a partir das quais incorpora as deformações impostas pela ideologia. Esta é dirigida por um poder dito necessário à constituição da comunidade. O papel exercido por esse poder político justifica a deformação utilizada como recurso e meio de atuação.

A literatura regionalista está, então, irremediavelmente comprometida com a dominação e a deformação ideológicas, pelas suas condições de representação de mundo baseada nos elementos

¹Conforme RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. Rio de Janeiro. Francisco Alves Editora, 1977. Este texto corresponde à parte inicial de dissertação de mestrado apresentada à PUCRS, em 1980, sob a orientação da professora doutora Regina Zilberman, onde foram tratados os conceitos de mito, ideologia e regionalismo, obviamente desnecessários aqui, uma vez que a presente leitura é resultante e refere-se, exclusivamente, à obra de Erico Verissimo. Todas as referências constarão da bibliografia relacionada no final deste trabalho.

mais simples e essenciais. Essas condições são estimuladas pela ausência de recursos para uma compreensão profunda dos complexos processos psicológicos, políticos e filosóficos, o que a caracteriza como uma forma artística geralmente empobrecida pela semelhança com o documental.

Dáí, talvez, a raridade de grandes valores no regionalismo. A retórica deformadora torna-se repetitiva e nas estruturas em que predomina uma função ideológica está tolhida a função estética (conforme Candido, Antonio, 1967).

O que se verifica no exercício do regionalismo como porta voz, a um só tempo, de uma comprovação de nacionalidade em todo o território brasileiro, e da necessidade de afirmação de uma classe dominante, em cada região, é a constituição dos mitos regionais, determinados pelo contexto sócio-econômico e alimentados pelo discurso poético.

Roland Barthes (1978, p.143), localizando a sociedade contemporânea, vê em cada mito por ela gerado um fenômeno da comunicação social. Os mitos têm, como principais características, **um tipo especial de fala, um indispensável fundamento histórico e uma função essencialmente deformadora.**

Evidenciam-se aí os mesmos traços comuns à ideologia, ao regionalismo literário e aos mitos. É porque, afinal, a ideologia é responsável pela instituição do mito e um dos tipos de fala mais indicado para mantê-lo é, sem dúvida, o texto produzido pela literatura regionalista.

Assim, através do regionalismo, o mito retoma um fato histórico que, a partir de um processo de analogia entre o passado e o presente, é esvaziado do seu sentido real, passando a exercer um novo sentido, tomando uma parte daquela contingência histórica e outra da realidade atual.

Por essa conveniente fusão de partes na formação de um novo todo, Barthes define o mito como "purificação das coisas": "purifica-as, inocenta-as, fundamenta-as em natureza e eternidade, dá-lhes uma clareza, não de explicação mas de constatação" (Barthes, 1978, p.163).

Esta idéia da pureza primordial, da inocência, nos remete

ao sentido mágico do mito; a constatação, em lugar da explicação, é o condicionamento essencial do mito, em qualquer época: uma questão de se deixar convencer, sem questionamento, apenas pela repetição essencial dos mesmos traços. Assim é o gaúcho heróico, frequentemente retomado pela literatura rio-grandense, mesmo a que se diz denúncia e crítica.

É a qualidade que só palavras escolhidas e organizadas têm de recompor dados esparsos ou pouco claros, na composição de figuras e situações que apelam aos sentimentos mais íntimos de auto-conhecimento e preservação, ou, mais que aos sentimentos, à necessidade de preenchimento que a ciência generaliza e a arte literária consegue personalizar e, talvez, tornar mais convincente.

Ainda segundo Barthes (1978, p.175), são quatro os princípios que definem o exercício do mito:

- o princípio da **omissão histórica**, que afasta a realidade no seu sentido completo, enfatizando apenas o necessário para a concretização da idéia central do mito;

- o princípio da **identificação**, que leva cada indivíduo a escolher a própria imagem;

- o princípio da **constatação**, pelo qual as coisas adquirem o sentido que lhes é atribuído sem explicação, e logram atingir os objetivos que determinam a constituição do mito;

- o princípio da **imobilização**, que detém o tempo e o espaço na configuração de um determinado mundo.

A contingência histórica determina a transitoriedade do mito, em todos os princípios que o regem, definindo-o como um descomprometimento com a verdade, em função de um interesse aparentemente comum a toda a comunidade.

Os passos do mito, na palavra de Erico Verissimo, percorrem todos os princípios, como se procurará comprovar, e atingem o limite da transitoriedade, que talvez se possa entender como uma espécie de luta entre um pensamento conservador mais radical e a lucidez dificilmente atingida, em sua plenitude, por qualquer forma de arte, nos países subdesenvolvidos.

Desde o título, passando pela epígrafe, retirada do Eclesiaste reproduzida no início deste trabalho, **O Tempo e o Vento** apresenta, no seu discurso literário, os traços do mito e a concretização, verbalizada, da transitoriedade.

Perseguindo a palavra de Erico Verissimo, na configuração de **um tipo especial de fala**, pode-se detectar o primeiro interlúdio que, em **O Continente**, leva o leitor aos primeiros tempos da formação da província de São Pedro e à origem da família rio-grandense:

"Naquele exato momento, a mais de mil léguas de distância, do outro lado do mar oceano, onde o dia é mais novo, outras sombras se movem no chão da vila de Laguna. Um homem e seu cavalo.

Me chamo Francisco Nunes Rodrigues, mais conhecido por Chico Rodrigues. Venho do planalto de Curitiba. Meus pais? Se tive, perdi. Onde nasci não me lembro. Mas dêz que me tenho por gente, ando vagando mundo" (Verissimo, **O Continente**. Vol. , POA, Globo, 1974, p.62).

A fala que um narrador impessoal entrega ao homem chamado Rodrigues, ao mesmo tempo que constitui o contraponto para a narração da travessia dos imigrantes açorianos, aos quais a figura do gaúcho vai se opor, como se verá adiante, esta fala está saturada de palavras cuja força mítica é evidente: os referenciais de espaço são remotos e amplos em **mil léguas de distância, outro lado do mar oceano, outras sombras se movem no chão**, há uma definição em "planalto de Curitiba" logo desfeito em **ando vagando mundo**; o tempo, aparentemente definido em **exato momento**, logo se distende, como o espaço, **onde o dia é mais novo, onde nasci não me lembro**, estabelecendo, de certa forma, uma atemporalidade, característica do mito primordial retomada pelo princípio da imobilização, acima mencionado.

O sujeito, a persona que se vai mover neste lugar e neste tempo especiais se reveste do mistério das palavras que o mito repete à exaustão: **um homem e seu cavalo vagando mundo**. Aí se fundem o **indispensável fundamento histórico** e a **função essencialmente deformadora** de que falou Roland Barthes. São os dados históricos da fundação da província, hábitos, costumes retomados sob a ilusão universalizante do mito que transforma estreitos limites em infinito, condições triviais em qualidades e

distinções especiais. Tudo o que irá corresponder ao princípio da identificação em que o indivíduo não escolherá para si próprio uma imagem despida de atrativos.

"(...) Ai! Laguna está morrendo bem como a mulher que na hora de parir o filho começa a se esvaír em sangue...

Mas a vida é assim mesmo. Uns morrem, outros nascem.

E uma coisa eu lhe digo. Tome nota do meu nome. Inda vai dar muito que falar um tal de Chico Rodrigues.

É noite no mar. Deitado no convés do navio, Zé Borges olhas as estrelas e conversa com Deus.

(...)

As estrelas luzem tranquilas sobre as ondas e as velas.

(...)

Cinzentos como cadáveres, homens e mulheres vomitam os dentes com sangue.

(...)

E o capitão indiferente aponta para o céu, mostra a alguém o Cruzeiro do Sul.

(...)

Os famosos Dragões do Rio Grande, comedores de milho e abóbora, de poeira e distâncias.

Cinco sombras da Ilha Terceira nas areias do Rio Grande. Faltam duas, para onde foram? São sombras no fundo do mar" (Idem, p.62-3).

A saga continua e as palavras, mágicas, vão tecendo a rede, misturando a natureza, o imponderável, os fluídos vitais e as relações de poder, dependência e injustiças, sob os auspícios da fatalidade, dados históricos, atos, objetos, aspirações e violências vão mesclando e confundindo o que é verdade e o que é mentira, detalhe por detalhe. Aparentemente, a denúncia, a lucidez de "enfrentar a realidade", até que Chico Rodrigues decide mudar de vida, estabelecer-se, tirando de casa a Maria Rita, filha de Zé Borges, na passagem em que se fundem, definitivamente, a fala e a ilusão, o mundo e o homem que escolhe o próprio nome, um mito personificado:

"Chico Rodrigues olha para uma árvore forte, à beira da estrada e pensa.

De hoje em diante vou me chamar Chico Cambará" (Idem, p.66).

Uma árvore forte — aí está a conotação da coragem, do poder fictício dos homens que serão fardos carregados pelas mulheres na saga do tempo e do vento — **à beira da estrada** — a ilusão da liberdade, bem capaz de mascarar a miséria e a submissão — afinal, pelo princípio da constatação, como indicava Barthes, as coisas adquirem o sentido que lhes é atribuído, sem necessidade de explicação. Mas quais os objetivos que determinam a constituição de um mito, em qualquer época?

Será Erico Verissimo um mago da palavra, um criativo intelectual a serviço de "forças nem um pouco ocultas"? Será um ingênuo-poeta-útil ao sistema de classes estabelecido?

Vale a pena percorrer as páginas iniciais de **O Continente**, sem o compromisso da citação exata, ao sabor das palavras que poderão ser, a qualquer momento, verificadas, seja a décima ou a primeira leitura, ainda tímida; elas estarão lá, sejam as páginas amarelas e ásperas das edições mais antigas, seja sobre o fino papel ilustrado do mais recente lançamento editorial, estarão lá as palavras e o mito, intacto:

"Era uma noite fria de lua cheia. As estrelas cintilavam sobre a cidade de Santa Fé, que de tão quieta e deserta parecia um cemitério abandonado. Era tanto o silêncio e tão leve o ar, que se alguém aguçasse o ouvido talvez pudesse até escutar o sereno da solidão".

O tempo e o espaço, universalizados e ilimitados aí em poucas palavras simples, nenhum adjetivo rebuscado, nenhum axioma filosófico brilhante, eis a porta mítica por onde se poderá ir da realidade à ficção, ou será o inverso?

"Donde lhe vinha tanto medo? Decerto do sangue da mãe, pois as gentes do lado paterno eram corajosas. (...) Sempre que ia entrar em combate, repetia estas palavras: 'Lírio é macho'." (Idem, O Sobrado-I).

A ironia talvez só seja alcançada bem mais adiante, passando de uma personagem secundária para outra, principal protagonista, revivendo, de geração a geração, uma força que talvez se confunda, mas certamente não será a mesma da árvore, à beira da estrada:

"E de novo o povoado ficou quase deserto de homens. E outra vez as mulheres se puseram a esperar. E em

certas noites, sentada junto ao fogo ou da mesa, após o jantar, Ana Terra lembrava-se de coisas de sua vida passada. E quando um novo inverno chegou e o minuano começou a soprar, ela o recebeu como a um velho amigo resmungão que gemendo cruzava por seu rancho sem parar e seguia campo fora. (...) Era por isso que muito mais tarde, sendo já mulher feita, Bibiana ouvia a avó dizer quando ventava: "Noite de vento noite dos mortos..." (Idem, Ana Terra).

Os elementos da natureza, como o sangue, são uma constante, da mesma forma que os dados históricos, políticos e ideológicos, ao longo de toda a trilogia, quer se volte ao episódio do Sobrado I, no final onde o pequeno Rodrigo, o segundo, neto do Capitão, identifica o símbolo vindo do bisavô índio, o Pedro amado por Ana Terra; quer se salte para **O Retrato**, onde Rodrigo, já adulto, comemora o ano novo assustando a madrinha Valéria com a camisa rasgada e ensanguentada. O sangue derramado e a dor das mulheres são o contraponto da exaltação do mito do gaúcho na obra de Erico Verissimo.

Afinal, há manutenção do mito ou há desmitificação na saga em que Erico registrou a história e a ilusão do homem rio-grandense?

Na primeira década deste século, Alcides Maya e João Simões Lopes Neto deixaram, na literatura do Rio Grande do Sul, a marca da oscilação, da transição entre o mito e a denúncia social que, entre 1930 e 1940, foi desenvolvida por Cyro Martins e Ivan Pedro de Martins, de maneira mais objetiva, trazendo à tona aspectos da vida do homem comum, sérios problemas sociais resultantes do apogeu e da decadência dos latifúndios. Pedro Wayne, na mesma época, talvez tenha sido a voz mais eloquente no sentido da denúncia do mito, apresentando uma proposta que deixa de lado a figura do monarca para descrever o mundo dos abatedores de gado, nas charqueadas. Mais tarde, Aureliano de Figueiredo Pinto também terá uma visão própria da estrutura social do Rio Grande. Ambos são autores ainda pouco estudados.

Em 1949, surgem os primeiros volumes de **O Tempo e o Vento**, naturalmente apontando para a desmitificação, mas ainda oscilando, transitando, de um episódio para outro, de uma personagem para outra, entre a manutenção e o mascaramento, como se

cada vez que uma figura criasse vida, tendesse inevitavelmente ao que nos prende a todos, como diz Roque Bandeira, em um dos diálogos com Floriano Cambará, "condenados a ser heróis" (Veríssimo, O Arquipélago, Vol. 11, Reunião de Família-III).

Voltando a **O Continente**, que inicia com o já mencionado primeiro interlúdio, onde as sesmarias arbitrariamente distribuídas, os roubos e a violência são mencionados como origem da sociedade rio-grandense, mais adiante, no decantado episódio de "Um Certo Capitão Rodrigo", ressurge, mais uma vez, o monarca das coxilhas:

"Um dia chegou a cavalo, vindo ninguém sabia de onde, com o chapéu de barbicacho puxado para a nuca, a bela cabeça de macho altivamente erguida, e aquele seu olhar de gavião que irritava e ao mesmo tempo fascinava as pessoas" (O Continente, ed. citada, p. 171).

A natureza, aqui representada pelo gavião e não mais pela "árvore forte da beira da estrada", definitivamente incorporada ao nome do capitão Rodrigo Cambará e seus descendentes, empresta ao homem a nobreza e o ufanismo reforçados pelos adjetivos, verbos e advérbios que apresentam o mito revivido e sustentado pelas mesmas características: a beleza, a coragem, a liberdade, a tendência para o combate e, naturalmente, a pobreza de soldado e de peão, os que nada possuem, mas são altivos e felizes, afinal:

"As patas de seus cavalos, suas armas e seus peitos iam empurrando as linhas divisórias do Continente do Rio Grande de São Pedro.
(...)

E em todas as direções penetravam na terra dos minuanos, tapes, charruas, guenoas, arachanes, caaguas, guaranis e guaranás.

A fronteira marchava com eles. Eles eram a fronteira" (Idem, p.65).

"Era um entusiasta das frutas do Rio Grande: laranjas, pêssegos, bergamotas e uvas. Eram sumarentas, gostosas, duráveis — produtos de uma região que contava com quatro estações nítidas.
(...)

ficou a perguntar a si mesmo se não seria lícito fazer um confronto entre aquelas frutas sadias e o homem do Rio Grande. Não se poderia também — re-

fletiu, estendendo o olhar pelo campo em derredor — considerar o caráter, o temperamento do rio-grandense do sul um produto natural daquela paisagem desafogada e sem limites? Poderia o gaúcho deixar de ser um cavaleiro e um cavalheiro? E um impetuoso? E um guerreiro? E um generoso? E um bravo?" (Verissimo, O Arquipélago, Vol. I, POA, Globo, 1974, p.165).

Outro dado repetido pelo contexto do gaúcho heróico e mantido pela palavra de Erico Verissimo é a rejeição ou o conflito, íntimo ou geral, em relação aos imigrantes:

"E os vagabundos aventureiros que passam ali riem daquelas gentes pacatas, que respeitam a lei e odeiam a guerra, que falam cantando..." (O Continente, ed. cit., p.66).

É um conceito arraigado, repetido pelo capitão Rodrigo e em muitas passagens e episódios, como "A Teiniaguã", Luzia Silva, a mulher que, "não sendo continentina é estrangeira", a feiticeira, portadora do mal numa concepção maniqueísta, justamente a pessoa que trouxe aos Terra Cambará a posse do Sobrado, através do casamento com o filho de Bibiana.

Se, oscilando para a manutenção do mito, a palavra de Erico Verissimo foi sempre exata e adequada, ao longo dos quatro volumes de **O Tempo e o Vento**, repetindo e reafirmando todos os traços característicos da convicção de identidade que faz do homem gaúcho um ser especial, apesar de todas as contradições históricas e reais, que desde sempre perpassam a sociedade rio-grandense, como de resto qualquer outra, em que terá sido mais significativa a tendência para a desmitificação?

Certamente nos diálogos altamente intelectualizados de **O Arquipélago**, onde o próprio título aponta para a dispersão, a divisão, o extremo oposto à necessidade de agregação que justifica os discursos do mito e da ideologia, segundo os autores inicialmente mencionados. Um exemplo é o diálogo transposto como epígrafe neste trabalho. No entanto, parece que se a ideologia dominante e o mito instituído apresentam toda uma caracterização, com elementos previamente organizados, desde a linguagem até as convicções difundidas, a desmitificação e a nova ideologia crítica deveriam, por sua vez, apresentar suas respectivas propostas.

Erico Verissimo alcança a construção de um mundo oposto ao heroísmo, desmitificador e denso, ao construir suas personagens femininas que constituem assunto de outros estudos e não podem ser examinadas aqui.

Mas cumpre lembrar, inclusive pela passagem aqui citada, do episódio de Ana Terra, que as mulheres Terra, na sua relação com a natureza e na estoica aceitação da vida como é, constituem, com traços de linguagem cuidada, um processo de desmitificação mais profundo e eficaz que as discussões intelectuais. Porque o mito não se deixa atingir pela racionalização, ao contrário, fortalece ainda mais sua capacidade de convencer.

Por esta essência nominal, de linguagem e sentidos ligados à condição humana e à contextualidade sócio-cultural, a literatura rio-grandense ainda hoje trabalha, e não apenas ocasionalmente, o mito do gaúcho heróico, revisitado por Erico Verissimo na saga das famílias Terra, Cambará e Caré, entre outras, mais ou menos iguais às famílias que hoje constituem a sociedade e a cultura do Rio Grande do Sul.

É, no mínimo, prudente reconhecer a vigência de um ritual que permanece, ao longo da história, na linguagem dos escritores consagrados, dos que escrevem hoje e, principalmente, na linguagem e nas manifestações artísticas dos jovens, em grande número universitários que acompanham os movimentos nativistas em todo o território gaúcho.

"O homem vive com seus objetos, fundamental e até exclusivamente, tal como a linguagem. Os seus atos, pois nele o sentir e o atuar dependem de suas representações. Pelo mesmo ato, mediante o qual o homem extrai de si a trama da linguagem, também vai se entretecendo nela e cada linguagem traça um círculo mágico ao redor do povo a que pertence, círculo do qual não existe escapatória possível, a não ser que se pule para outro". (Humboldt, Wilhelm von, Apud Cassirer, Ernst, *Linguagem e Mito*, SP, Perspectiva, 1972, p. 23)

"Caberia então indagar se o conto maravilhoso não se converteu muito cedo em um 'duplo fácil' do mito e do rito iniciatórios, se ele não teve o papel de reatualizar as 'provas iniciatórias' ao nível do imaginário e do onírico. Esse ponto de vista surpreenderá somente aqueles que consideram a iniciação um comportamento exclusivo do homem das sociedades tradicionais. Começamos hoje a compreender que o que se denomina 'iniciação' coexiste com a condição humana, que toda existência é composta de uma série ininterrupta de 'provas', 'mortes' e 'res-

surreições', sejam quais forem os termos de que se serve a linguagem moderna para traduzir essas experiências (originalmente religiosas)". (Eliade, Mircea. **Mito e Realidade**, SP, Perspectiva, 1972, p.175)

BIBLIOGRAFIA

Obras Citadas:

- BARTHES, Roland. **Mitologias**. RJ, Difel, 1978;
CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. SP, Nacional, 1967;
CASSINER, Ernst. **Linguagem e mito**. SP, Perspectiva, 1972;
ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. SP, Perspectiva, 1972;
RICOEUR, Paul. **Interpretação e ideologias**. RJ, Francisco Alves, 1977;
VERISSIMO, Erico. **O continente**. Vol. I, II. POA, Globo, 1974;
_____ **O retrato**. Vol. I, II. POA, Globo, 1974;
_____ **O arquipélago**. Vol. I, II. POA, Globo, 1974.

Estudos sobre o Mito do Gaúcho:

- ARMANDO, Maria Luiza de Carvalho. **Le régionalisme littéraire et le "mythe du gaúcho" dans l'Extrême-Sud brésilien - Le cas de Simões Lopes Neto** t. I: **Le Rio Grande do Sul et le "mythe du gaúcho"**; t. II: **Simões Lopes Neto et le mythe du gaúcho**; t. III: **Une culture menacée? Propositions pour une analyse sociologique**; t. IV: **Annexes**, Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales/Université de Paris-III, Sorbonne Nouvelle, 1984 (policopiado);
FILIPOUSKI, Ana Mariza e outros. **Simões Lopes Neto: a invenção, o mito e a mentira**. POA, Movimento, IEL, SEC, 1973;
GHISOLFI, Alda Maria do Couto. **Alcides Maya e Simões Lopes Neto: a desmitificação do gaúcho**. Dissertação de mestrado, PUC-RS, Instituto de Letras e Artes, Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras. POA, 1979;
HOHLFELDT, Antonio. **O Gaúcho - Ficção e realidade**. RJ, Ed. Antares; Brasília, INL, 1982;
ZILBERMAN, Regina. **Do mito ao romance**. Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul; POA, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1977.

Autores Mencionados:

- ASSIS BRASIL, L.A. **Um quarto de légua em quadro**. POA, Movimento, IEL, 1976. Outros títulos: **Bacia das almas**, **A prole do Corvo**;

- BITTENCOURT DE MARTINS, Roberto. **Ibiamoré - a lenda do trem fantasma**. POA, L & PM Editores, 1980;
- FARACO, Sérgio. **Depois da primeira morte**. POA, Bels e IEL, 1975; Outros títulos: **Idolatria, Homem, Manilha de espadas**;
- LOPES NETO, João Simões. **Contos gauchescos e lendas do sul**. POA, Globo, 1973; Outros títulos: **Casos do Romualdo**;
- MARTINS, Cyro. **Paz nos campos**. POA, Globo, 1957; Outros títulos: **Sem rumo, Estrada Nova**;
- MARTINS, Ivan Pedro. **Fronteira agreste**. POA, Movimento, IEL, 1982;
- MAYA, Alcides. **Alma bárbara**. RJ, Typ. Lith. Pimenta de Mello, 1922; Outros títulos: **Ruínas vivas, Tapera**;
- MORAES, Carlos. **A guerra do lobisomem**. SP, Quinteto Editorial, 1984;
- NEJAR, Carlos. **O campeador e o vento**. POA, Sulina, 1966; Outros títulos: **Cança**;
- PINTO, Aureliano de Figueiredo. **Memórias do coronel Falcão**. POA, Movimento, 1975;
- WAYNE, Pedro. **Xarqueada**. POA, IEL/Movimento, 1982.